

# CONSTRUÇÕES COM O CONECTOR *ONDE*: observações a partir do uso em contextos formais

GERSON RODRIGUES DA SILVA<sup>1</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

O foco deste artigo é o fenômeno da polissemia observada no uso não canônico de *onde*<sup>2</sup>. Visto que a explicação no âmbito dos fenômenos linguísticos requer o conhecimento de parâmetros externos – sejam perceptuais, socioculturais ou pragmáticos –, propõe-se, sob uma visão funcionalista, uma redescrição dos usos desse pronome/advérbio, tendo por base textos dissertativo-argumentativos da sincronia atual, observando-se diferentes contextos em que esses novos usos estão sendo empregados.

O trabalho é produto de dissertação de mestrado, defendida em dezembro de 2002 sob a orientação da professora Silvia Figueiredo Brandão, tendo como pro-

---

<sup>1</sup> O presente texto é resultado de uma pesquisa em que foi demonstrada extrema paciência por parte da professora Silvia Brandão, a quem dirijo meus agradecimentos. Foi sua forma de agir que me ajudou a construir o profissional que hoje sou, e o que ainda tenho a apresentar à comunidade acadêmica certamente terá a participação de minha eterna orientadora.

<sup>2</sup> Uma versão estendida deste material será publicada pela EDUFPI.

blema a ser analisado e descrito o uso entendido como vício para alguns, mas expressão de natureza formal para outros. Para isso, serão comparados usos retirados de exame vestibular de acesso à UFRJ em 2001 e outros de exame de avaliação de cursos de ensino superior.

A escolha deste conector como objeto de estudo prende-se ao fato de ele vir sendo usado de forma recorrente tanto na língua oral como na língua escrita – em redações escolares de alunos de Ensino Médio há exemplos em profusão, inclusive. Como se verá, os usos também são comuns em textos de alunos formandos em cursos de graduação. Com o tempo, começou-se a observar que *onde* foi adquirindo valores distintos daquele que lhe é prototípico, ou seja, o de pronome/advérbio relativo, caracterizado por traços como [+ anafórico] e [+circunstancial (locativo)], principalmente.

Os novos usos desse vocábulo, em princípio, poderiam ser considerados típicos da linguagem oral, entretanto há casos cada vez mais comuns em textos escritos do emprego não canônico dessa palavra, o que por si só justificaria uma análise mais aprofundada desses novos valores.

Investigações acerca da polissemia de *onde* como a de Dias (1998) e Oliveira (1997) identificaram valores comuns aos que se encontram neste trabalho, que podem ser exemplificados nas frases:

- 1) O país encontra-se em um estado deplorável, onde [logo] a sociedade vive dividida.
- 2) Essa desigualdade a cada dia aumenta devido a globalização, aonde [pois] cada vez mais se vê pessoas, e uma minoria que detém o capital.
- 3) Este ano, 1998, foi um ano de eleições, inclusive para a presidência, onde [quando] pela primeira vez, vimos a reeleição de um candidato.
- 4) “Uma cultura claramente difundida onde não é a dos pais”.
- 5) A paquistanesa vivia em um ambiente pobre pelos muçulmanos onde é sabido o não respeito.

Exemplos representativos do Português arcaico também foram utilizados para mostrar que não se trata de um fenômeno presente em uma única sincronia, como os listados a seguir:

- 6) Todos m’entendem já mia morte onde eu ei a morrer. [Todos me notam a morte {da qual} hei de morrer.]
- 7) (...) e cousa que semelhe minha linhagem e aaqueles honde eu venho. [e cousa que se assemelhe a minha linhagem e àqueles {de onde} venho.]

A partir de dados como os apresentados, percebeu-se que o comportamento desse pronome/advérbio pode ser, na verdade, estável, apresentando sempre va-

riações que representariam usos não canônicos. Pelo que se observará no transcurso deste trabalho, seu funcionamento está cada vez mais ligado ao de conectores com papel argumentativo, revelando uma polivalência crescente.

*Onde*, em sua significação canônica, prototípica, apresenta as características comuns a pronomes relativos – substituindo sintagmas em orações relativas –, advérbios – funcionando como adjunto adverbial de lugar, nessas mesmas orações – e, com seus novos valores, a conjunções – uma vez que serviria para ligar sentenças, estabelecendo vínculo argumentativo entre elas.

Dessa forma, o termo estaria sofrendo uma espécie recategorização sintática, processo mediante o qual um item lexical muda suas propriedades gramaticais que o incluem em uma determinada classe para integrar-se em outra, conforme a sequência: Categoria Maior (Nome, Verbo, Pronome) > Categoria Mediana (Adjetivo, Advérbio) > Categoria Menor (Preposição, Conjunção).

A possibilidade de ocorrer uma trajetória como a descrita anteriormente, em que o vocábulo, a partir de um sentido mais concreto, assume valores mais abstratos, será observada nesta pesquisa; acredita-se que o vocábulo, inicialmente com valor espacial, sofra uma contínua abstratização, até assumir valores discursivo-textuais.

Infere-se que o termo, levando em conta essa abstratização, assumiria três tipos diferentes de relações frasais, atuando internamente na oração – ao exercer a função de adjunto adverbial –, estabelecendo relações entre orações e, finalmente, estabelecendo relações entre períodos e parágrafos, demonstrando uma abrangência maior dos usos desse elemento de conexão.

Entende-se, também, que essas relações mais abstratas tendem a ser estabelecidas a partir de usos que levem em consideração as realizações do termo quando se distancia de seu referente, ou mesmo quando acumula conteúdos circunstanciais.

Tomando por base a ideia de que, para se agruparem em classes, as palavras necessitam compartilhar determinadas características, consideraram-se traços das conjunções citadas para o estabelecimento de possíveis relações semânticas com o conector *onde*. Para entender essas relações, poder-se-iam levar em conta pressupostos da teoria dos protótipos, como menciona Barreto (1999):

Tomando por base a Teoria dos Protótipos, pode-se dizer que existem, em português, vocábulos que pertencem **mais** ou **menos** a determinadas categorias gramaticais. No que se refere às conjunções, por exemplo, pode-se afirmar não haver uma separação nítida entre conjunções coordenativas e subordinativas, mas um contínuo que vai da coordenação perfeita à subordinação por excelência, havendo, em cada grupo de conjunções, os protótipos, isto é, as que preenchem as características básicas de cada grupo. (BARRETO, 1999, p. 75)

Outra proposta para a análise dos itens é a teoria do deslizamento semântico de Heine *et alii* (1991), em que se afirma estarem as formas continuamente associadas a novos significados progressivamente mais abstratos, partindo da noção de espaço, podendo ou não passar pela noção de tempo, até alcançar a categoria mais abstrata de texto.

## 2. A PERSPECTIVA DIACRÔNICA

Com base nas análises diacrônicas que levam em conta o comportamento do vocábulo *onde*, entende-se que o valor de conector lógico de delimitação subespecificado pela circunstância de lugar não era exclusivo a um único vocábulo. Esse valor, além de caracterizar o uso de *onde* (do latim *unde*) – que levava em conta o ponto de que alguém procedia –, também era atribuído à forma *u* (do latim *ubi*) – ponto em que alguém estava. Sabe-se que as duas formas concorreram durante determinado tempo, até que *onde* prevaleceu, acumulando os valores da forma *u*.

Com base nas análises de textos do Português arcaico, entende-se que os dois termos eram utilizados com significados que extrapolavam seu valor locativo canônico, o que já indicava um caráter polivalente dos termos.

Das análises e descrições feitas por Huber (1932, p. 197), observa-se que um caráter polifuncional do termo delineava-se de forma tal que o vocábulo podia referir-se a termos de valor não locativo, como pessoas e coisas, correspondendo aos usos atuais de *que* e seus derivados, além de acumular seu valor espacial.

Os exemplos que seguem ilustram parte desses significados.

- (1) “*Todos m’entendem já mia morte onde ei eu a morrer.*”

[*Todos me notam já a morte da qual hei de morrer.*]

- (2) “*(...) e cousa que semelhe mynha linhagem e aaqueles honde eu venho.*”

[*e cousa que se assemelhe a minha linhagem e àqueles dos quais venho.*]

Nos exemplos anteriormente, a palavra *onde* é sempre um conector que apresenta valor anafórico, sem, no entanto, apresentar um valor circunstancial, característica básica de seu uso prototípico.

No exemplo que segue, *u* representa o valor canônico sincrônico do termo:

- (3) *Irei ala fonte u vam os cervos do monte.*”

[*Irei à fonte aonde vão os cervos do monte.*]

Também com noção locativa usava-se o conector lógico de delimitação *d’u* ou *du* (*de ubi*), que se empregavam com os significados de *onde* e *donde*, funcionando como derivações dos significados base, como no trecho:

- (4) “*O mundo d’u foi mia senhor.*”

[*O mundo donde foi minha senhora.*]

As descrições de Nunes (1981, p. 154, 158, 338) corroboram as de Huber (1937) além de observar novos valores para os dois termos do sistema – tanto *u* como *onde* –, que poderia apresentar valor conclusivo (*por isso*) – no caso de *onde* – e temporal (*quando* e *enquanto*) – no caso de *u* e *du*. Os exemplos a seguir ilustram esses significados:

- (5) “(...) *Mal-dia non morri enton,*

*ante que tal coyta levar*

*qual leuo! que non uj mayor*

*nunca, ond ‘estou a paor*

*de mort[e] ou de lh’o mostrar*

Mattos e Silva (1989, p. 247), com base na análise de *corpora* constituídos de diversos textos do Português arcaico (do século XIII), analisa os diferentes usos de *hu* e *onde*. De acordo com seus dados, a autora afirma que:

(...) o sistema analisado é constituído basicamente de dois termos:

*hu* e *onde*, sendo o elemento semanticamente não marcado *hu*, que expressa tanto o **ponto** em que como o ponto a que e associado à preposição *per* indica o ponto através de **que**; e *onde*, o elemento marcado, que tem como traço semântico básico o ponto a partir de que, quer espacial, quer nacional, quer temporal, quer possessivo, quer contextual. É de notar também que, tanto um como outro elemento do sistema, embora basicamente locativos, podem funcionar como temporais. Do ponto de vista sintático, a distribuição mais comum desses elementos é a de Restritivo, o que é explicável pelo tipo de narrativa, da mesma forma que a marcante incidência de *onde* conclusivo decorre do discurso argumentativo de certas passagens da obra.

Com base nas observações sob uma perspectiva diacrônica sobre os empregos sintático-semânticos de *onde*, pode-se formular a hipótese de que, sincronicamente, esse apresente os mesmos valores que acumulava no Português arcaico, voltando a exercer funções que lhe eram próprias, por um processo de mudança que se deu através dos tempos, ou apenas represente usos que sempre lhe foram comuns, mas que não se privilegiavam hoje pela norma.

Numa perspectiva similar às de Huber (1937) e Nunes (1981), Camara Jr. (1979, p. 117-120) atesta que, no sistema de locativos interrogativos, havia uma distinção entre os que indicavam situação – em que deveria ser usado *ubi* –, a proveniência (*unde*) e a direção (*quo*). De acordo com o autor, na transição do sistema latino para o Português, houve uma substituição dos vocábulos, mantendo-se, no

entanto, as mesmas ideias. Ele afirma que a partícula *ubi* aparece no Português arcaico sob a forma *u*, mas a forma *onde* acabou sendo a adotada para a noção de situação, e o acréscimo das preposições *de* e *a* lhe confeririam a noção de proveniência e direção (*aonde*, *donde*), nesses casos, já com emprego de relativo.

O autor postula que, do ponto de vista funcional, há uma frequente utilização do advérbio para enunciações em sequência. Assim, alguns se fixaram como conjunções coordenativas, outros teriam uma distribuição nítida como conjunções e como advérbios. O caso de *onde* é típico já que apresenta traços que o incluem tanto na classe dos advérbios quanto na das conjunções.

Camara Jr. (1986, p. 208) refere-se a *onde* como forma oblíqua que funcionaria como relativo ao lado de *que*. Seu papel seria o de complemento circunstancial de lugar, que se aglutina com as preposições *a* e *de* (*aonde* e *donde*), deixando clara a função de pronomes/advérbios.

### 3. CATEGORIZAÇÃO E PROTOTIPICIDADE

Bybee (2016, p. 26) explica que damos o nome de categorização ao emparelhamento de identidades entre palavras e sintagmas – algo que ocorre quando falamos do vocábulo em estudo –, o que nos leva à tentativa de confirmar seu estatuto nos usos que apresenta em textos orais e escritos. Nessa perspectiva importa também mencionar os estudos sobre prototipicidade, nos quais se focalizam mudanças que ocorrem nos traços que compõem uma unidade, trazem luz a esse entendimento. De acordo com Barreto (2000, p. 75), tomando por base a Teoria dos Protótipos, “pode-se dizer que existem, em português, vocábulos que pertencem mais ou menos a determinadas categorias gramaticais”, algo observado com a palavra aqui em estudo.

Taylor (1995, p. 80) afirma que ser membro de uma categoria prototípica é uma questão de gradiência. Dessa forma, a possibilidade de categorização de um item lexical se dá a partir dos seguintes pressupostos:

- a) Há membros centrais e periféricos de uma categoria.
- b) Há diferentes graus de não associação a uma categoria.
- c) Os limites de uma categoria são flexíveis.
- d) As categorias podem ser redefinidas por uma seleção eventual de reavaliação de atributos.

Geearts (2006, p. 146) também explica que categorias prototípicas exibem uma família estrutural, ou mais geral; sua estrutura semântica toma a forma de sentidos sobrepostos. As categorias estruturadas na base da prototipicidade são

cognitivamente eficientes, pois, por um lado, têm a vantagem da flexibilidade, que lhes permite adaptarem-se aos vários contextos em que são usadas e integrarem novas entidades como membros mais ou menos periféricos e, por outro lado, tem a vantagem da estabilidade, que proporciona a interpretação de novas experiências (através de protótipos existentes), sem que, para o efeito, seja necessária a criação de novas categorias ou a redefinição de categorias já existentes, e, assim, permite a continuidade da estrutura geral do sistema categorial. A prototipicidade existe porque é cognitivamente vantajosa, porque satisfaz estas duas tendências, aparentemente contraditórias, da cognição humana. Daí que categorias linguísticas sejam tipicamente flexíveis e polissêmicas e daí a continuidade e a mutabilidade de significado das palavras no seu desenvolvimento histórico.

Observando-se os aspectos mencionados anteriormente, acredita-se que os processos de gramaticalização podem ser analisados tendo como suporte a chamada *Teoria dos Protótipos*, que poderia esclarecer em que grau determinado sentido se afasta de seu *domínio fonte*. Pela análise da matriz de traços prototípicos de uma entidade se poderiam estabelecer, de forma mais abrangente, quaisquer sentidos que a estrutura gramaticalizada viesse a apresentar.

Pode-se postular que a aquisição de novos significados se deve à flexibilidade da matriz que compõe a significação de um termo, uma vez que existe a possibilidade de ordenação e reordenação dos traços que formam a matriz do *conceito fonte*.

#### 4. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para a análise, levaram-se em conta frases retiradas de um universo de textos do concurso VESTIBULAR 2001 da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que foram comparados a outros exemplos retirados do ENADE 2015. Além disso, serviram de suporte ocorrências encontradas em textos de aluno do Ensino Médio da rede particular de ensino do Rio de Janeiro. No entanto, tais textos não entraram na quantificação dos dados.

Selecionaram-se do *corpus* frases correspondentes a diferentes valores de *onde* e que foram apresentadas a informantes, com Ensino Médio concluído e com idade que variavam de 16 a 60 anos. Apresentavam-se frases em que havia uma lacuna que deveria ser preenchida ou não com o *onde* e observado o grau de estranhamento pelo seu uso no contexto. Os informantes deveriam preenchê-las com os conectores propostos entre parênteses. Em seguida, solicitava-se aos informantes uma justificativa para cada opção. Nesse teste, os usos eram, de certa forma, induzidos, uma vez que, para o preenchimento de lacunas, apresentavam-se

cinco vocábulos, dentre os quais se encontrava o *onde*, que, em grande parte dos casos, foi a sua segunda opção.

Em princípio, definiram-se os principais traços que caracterizariam o chamado *onde* canônico, para que se fizesse uma avaliação mais clara de suas variações no uso sincrônico. Não se levaram em consideração na análise:

- A) os casos em que *onde* é empregado em sua forma canônica, e
- B) os contextos ininteligíveis, resultantes da falta de habilidade dos falantes com a modalidade escrita da língua.

Sobre o item (b) deve ser feita a seguinte consideração: apesar de os usos de *onde* não canônicos evidenciarem, de certa forma, uma falta de habilidade no uso da língua, sempre havia a possibilidade de substituição desse termo por um outro, que fosse canônico no contexto. Os casos ignorados dizem respeito a uma completa impossibilidade de análise da frase e do sentido de *onde* envolvido.

Parte-se, portanto, do pressuposto de que *onde*, em seu uso prototípico, apresenta os traços que seguem:

- A) [+ **conector**]: traço considerado básico, visto que *onde* estabelece, normalmente, ligação entre duas orações, introduzindo a chamada oração subordinada adjetiva;
- B) [+ **anafórico**]: a escolha deste traço justifica-se pelo fato de *onde* referir-se a um termo mencionado anteriormente na sentença, substituindo-o na oração que introduz;
- C) [+ **circunstancial (locativo)**]: o *onde* canônico caracteriza-se por sua função adverbial dentro da oração em que se insere, trazendo consigo a noção de espaço concreto. O valor locativo seria uma subespecificação desse traço [+ circunstancial];
- D) [+ **próximo do referente**]: como se afirmou anteriormente, *onde* é um termo de valor anafórico. Deve-se levar em conta que ele se refere à palavra ou ao sintagma que o antecede imediatamente, não devendo existir entre eles um distanciamento que ocasione ambiguidade.
- E) [+**inter/intrafrástico**]: por meio deste traço, sabe-se que o termo é utilizado apenas no nível das orações (cláusulas), sem desvio para o nível transfrástico. Tal traço revela que, além de estabelecer relação entre orações – revelando seu caráter interfrástico –, o termo exerce função dentre da oração subordinada, justificando o caráter intrafrástico. Os traços foram distribuídos segundo uma hierarquia, de acordo com a qual aqueles considerados mais importantes para a configuração da matriz aparecem primeiro.

## 5. RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES

A observação dos dados retirados dos dois testes de atitudes revela que:

- A) os falantes reconhecem o papel polifuncional de *onde* de tal forma que o utilizam para os mais variados usos, desde o de relativo universal a operador argumentativo;
- B) os usos reconhecidos pelos informantes dos testes coincidem com aqueles encontrados nos dados do *corpus*;
- C) os informantes mais jovens parecem mais propensos a aceitar os novos usos de *onde*, enquanto os mais velhos tendem a ser mais conservadores;
- D) as mulheres tendem a adotar mais que os homens os novos papéis desse conector, sendo as responsáveis pelo alto índice de aceitação de usos não canônicos do termo, tanto no grupo de falantes mais jovens, quanto no grupo dos mais velhos;
- E) dependendo do contexto, os falantes atribuem mais de um valor para esse vocábulo, o que se observa com outros conectores (como *desde que*, *sem que*, etc.), cuja significação varia com o contexto de aplicação.

Dessa forma, entende-se que um estudo mais aprofundado dos novos usos de *onde* em outros contextos se faz necessário, para que se possa medir em que grau esse conector é aceito em outros tipos de texto ou modos de organização do discurso.

Braga (1996, p. 58) salienta que a aplicação de determinadas regras linguísticas depende crucialmente do status informacional dos itens lexicais nela envolvidos; assim, torna-se necessária uma observação em que se levem em conta os mais diferentes contextos possíveis para que se possa justificar uma nova classificação do termo.

Outras variáveis também poderiam ser levadas em conta para uma futura análise do termo tais como as regiões onde é mais empregado, o nível de renda daqueles que se utilizam do termo, profissão, classe social etc, para que se identifique uma possível regularização dos novos usos desse vocábulo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo feito sobre o comportamento do conector *onde* revela que, sincronicamente, esse termo vem sendo utilizado de forma tal que seu escopo de significação tem sido ampliado. Um termo que apresentaria, em princípio, um valor anafórico circunstancial locativo, passaria a estabelecer relações de significado que transcenderiam essa noção inicial, partindo de um valor prototípico como conector lógico de delimitação locativo até alcançar um valor discursivo-textual.

O termo sofreria, gradualmente, um esvaimento semântico que redundaria em valores temporais, de causa e consequência, de contrajunção, entre outros.

Além das observações feitas a partir do *corpus* analisado, testes de atitude levam à comprovação de que os falantes aceitam os novos empregos atribuídos a *onde*, que passa a ser utilizado como conector universal – não apenas um relativo como o *que*. Ao ser aceito pela maioria pela maioria como possuidor de traços que se distanciam daqueles considerados prototípicos, o termo adquire o papel de organizador de ideias em um sentido mais amplo.

Os testes de atitude revelam, também, que há uma maior aceitação dos novos usos de *onde* entre informantes:

- A) situados entre 21 e 40 anos, que constituem boa parte da população ativa;
- B) do sexo feminino, que se mostram, no estudo, mais propensos a aceitar ampliações do significado original do termo.

Tendo em vista a análise dos usos encontrados no *corpus*, que se confirmam nos testes de atitudes propostos, e o julgamento dos falantes nos testes realizados, conclui-se que o termo em estudo configura um bom exemplo de polifuncionalidade, uma vez que assume diferentes papéis na conexão de sentenças: o termo parte de um valor espacial concreto, até chegar a um valor textual, mais abstrato.

Acredita-se que, embora haja bastantes casos em que o termo assume valores não canônicos, não se possa falar em uma estabilidade funcional, pois não se analisaram todas as situações possíveis em que os novos usos poderiam ser encontrados, principalmente em outras sincronias.

Sobre as hipóteses que explicariam o processo de gramaticalização do termo, pode-se concluir que:

- A) a hipótese de um uso do conector, que atua como elemento relacional em três diferentes níveis, parece se confirmar, uma vez que foram localizados os traços [+inter/intrafrástico], em que se considera seu papel de delimitador; [+interfrástico], em que se observam seu valor não delimitador; e, finalmente [+inter/transfrástico], evidenciando seu uso como operador argumentativo.
- B) as hipóteses que levam em consideração derivações nos novos usos do vocábulo não podem se confirmar, pois não se observaram contextos suficientes que justificassem tais considerações.

Dessa forma, propõe-se um estudo em que se considerem mais a fundo diferentes sincronias e se tente observar textos que se aproximem da oralidade – nos casos do Português arcaico –, textos em diferentes modos de organização do discurso – como descrições e narrações, por exemplo –, além de uma observação

mais detalhada de diferentes variáveis como escolaridade e sexo, que possam vir a corroborar as conclusões desta pesquisa e estabelecer novos parâmetros para a análise dos usos desse vocábulo. Uma contribuição de estudos variacionistas enriqueceria as observações sobre os usos do termo. Já se fizeram diversos estudos sobre o tema; entretanto, ainda há o que se discutir, tendo em vista que os sentidos são construídos a partir dos usos linguísticos e, assim, podemos observar observar que o termo tende a se sistematizar como um conector de natureza poli/multifuncional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos de gramática do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Gramaticalização na história do Português*. 1999. Tese (Doutorado em letras) – Instituto de Letras, UFBA, Salvador, 1999. 508 p. mimeo.

BECHARA, Evanildo. *Lições de Português pela análise aintática*. 10. ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

\_\_\_\_\_. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Lucerna, 1992.

BERNARDO, Sandra. “Novas” funções do pronome/advérbio *onde*. *Anais do IV Congresso da ASSEL-Rio*. Niterói: UFF, p. 236-245, 1995.

BRAGA, Maria Luiza. Os condicionamentos discursivos. In: *Introdução à Sociolinguística variacionista*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos UFRJ, 1995.

BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão. 1979.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de Linguística e gramática*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do Português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

DIAS, Clementina da Silva. O valor multifuncional do pronome relativo *onde*. In: *Estudos da linguagem: atualidades e paradoxos*. Rio de Janeiro: ASSEL – Rio/UFRJ/FAPERJ, p. 21-27, 1998.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica *et al.* A Interação Sincronia /Diacronia no Estudo da Sintaxe. *D.E.L.T.A* (15), 1, p. 85-111, 1999.

HEINE, Bernd *et al.* *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul J; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: University Press, 1993.

HUBER, Joseph. *Gramática do Português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933.

ILARI, Rodolfo. *Um roteiro funcional para o estudo das conjunções*. mimeo. 1996.

KATO, Mary. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 223-261.

KATO, Mary *et al.* As construções-Q no Português falado: perguntas clivadas e relativas. In: KOCH, Ingedore G. Villaça. *Gramática do Português falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/FAPESP, v.6, 1996, p. 303-368.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

KURY, Adriano da Gama. *Gramática fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros Irradianes SA, 1973.

\_\_\_\_\_. *Lições de análise sintática*. 14. ed. Rio de Janeiro: Livros Irradianes S.A, 1973.

MARTELOTTA, Mário Eduardo *et al.* *Gramaticalização no Português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina. Maia; Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do Português arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2010.

MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Champion, p. 130-148, 1948.

NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. As construções causais. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Gramática do Português falado*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999, p. 461-496.

NUNES, José Joaquim. *Crestomantia Arcaica*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1981.

PEZATTI, Erotilde. O advérbio então já se gramaticalizou como conjunção? *D.E.L.T.A* 17:1, 2001, p. 81-95, 1992.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

SILVA, Augusto Soares da. *Linguística cognitiva, uma breve introdução*. Braga: Faculdade de Filosofia de Braga, 2010.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TARALLO, Fernando. *Diagnosticando uma Gramática Brasileira: o Português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX*. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, p. 69-102.

TAYLOR, John. *Linguistic categorization*. 2. ed. New York: Oxford, 1995.